

Desfazendo mal-entendidos em diálogos pela teoria dos blocos semânticos

Telisa Furlanetto Graeff (UPF)¹, Silvane Costenaro (UPF)²

¹ Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da UPF, Doutora em Linguística Aplicada pela PUC RS

² Mestranda em Letras na área de estudos lingüísticos – UPF

telisagraeff@yahoo.com.br , silvanecostenaro@hotmail.com

Resumo. *O trabalho analisa mal-entendidos em diálogos, com base em conceitos desenvolvidos por Ducrot e Carel na Teoria dos Blocos Semânticos. A TBS propõe que se atribua como “sentido” a uma entidade lingüística um conjunto de encadeamentos argumentativos em DC (portanto) e em PT (mesmo assim) e postula dois modos pelos quais um aspecto argumentativo pode estar associado às palavras cujo sentido ele constitui: o externo, encadeamentos que precedem ou seguem a entidade; e o interno, encadeamentos que a parafraseiam. Assumindo essa noção de argumentação discursiva, é analisado um diálogo em que a incompreensão se deve ao fato de os interlocutores associarem a uma mesma entidade lingüística argumentações externas diferentes, produzindo, então, objetos de discurso diversos.*

Palavras-chave: Bloco semântico; Encadeamento argumentativo; Mal-entendido; Semântica argumentativa.

Resumen. *El trabajo analiza los malentendidos en un diálogo, basado en conceptos desarrollados por Carel y Ducrot en la teoría de los Bloques Semánticos. La TBS propone atribuir como "sentido" a una entidad lingüística un conjunto de encadenamientos argumentativos en DC (por lo tanto) y en PT (sin embargo) y postula dos maneras de que un aspecto argumentativo puede estar vinculado a las palabras cuyo sentido el constituye: el externo, los encadenamientos que preceden o siguen la entidad, y el interior, los encadenamientos que parafraseian. Asumiendo esta noción de argumentación discursiva, se considera un diálogo en el que los malentendidos se deben al hecho de que los interlocutores sumaron a una misma entidad lingüística, argumentaciones externas distintas, produciendo, entonces, objetos de discurso diversos.*

Palabras clave: Bloque semántico; Encadenamientos Argumentativo; Mal entendido; Semántica Argumentativa.

1. Introdução

Este trabalho procura explicitar a origem de mal-entendidos que ocorrem em diálogos, com base em princípios e conceitos de semântica argumentativa, especialmente os desenvolvidos por Ducrot e Carel na Teoria dos Blocos Semânticos (daqui em diante TBS), iniciada por Carel em 1992. Essa teoria mantém e consolida a tese de que a

argumentação está marcada na própria estrutura lingüística (Ducrot e Anscombe, 1983). Segundo a TBS, argumentar é convocar blocos semânticos.

Nessa direção, propõe que se atribua como “sentido” a uma entidade lingüística um conjunto de encadeamentos argumentativos em DC (= portanto) e em PT (= mesmo assim) e postula dois modos pelos quais um aspecto argumentativo pode estar associado às palavras cujo sentido ele constitui: o externo, referente aos encadeamentos argumentativos que podem preceder ou seguir a entidade, e o interno, que corresponde aos encadeamentos que a parafraseiam. Assumindo essa noção de argumentação discursiva, é analisado um diálogo em que se pode perceber o surgimento do mal-entendido, em virtude das diferentes possibilidades de argumentação externa de uma entidade lingüística e do fato de o sentido argumentativo se constituir unicamente no bloco semântico, sendo expresso por um encadeamento argumentativo desse bloco.

No sentido de se detalhar a noção de argumentação adotada neste trabalho, serão apresentadas idéias fundamentais da Teoria da Argumentação na Língua, proposta por Ducrot e Anscombe, reiteradas e ampliadas pela TBS, passando-se, em seguida, à análise do diálogo em foco.

2. Base teórica da análise

A Teoria dos Blocos Semânticos originou-se na Teoria da Argumentação na Língua (ADL)¹, criada por Oswald Ducrot e Jean-Claude Anscombe (1983), resultado de reflexões sobre o sentido argumentativo das palavras, que descarta completamente o sentido informativo.

Na primeira fase da ADL, conhecida como *forma standard*, é apresentada a idéia de que as palavras não têm sentido antes das conclusões delas tiradas, como se pode conferir nos enunciados: *Faz sol, vamos sair. Faz sol, não vamos sair*. Nesses dois discursos, o valor semântico da expressão *faz sol* varia conforme as conclusões que se tirem dela. Num caso, o sol é favorável ao passeio; sendo, em outro, desfavorável.

Uma das principais evidências do valor argumentativo das palavras em detrimento de seu valor informativo defendido na forma *standard* é o fato de Ducrot e seus colaboradores terem percebido que, em todas as línguas, existem pares de frases cujos enunciados designam o mesmo fato, quando o contexto é o mesmo, mas as argumentações possíveis a partir desses enunciados são completamente diferentes. Ex: *João comeu pouco no almoço* e *João comeu um pouco no almoço*.

A idéia de que as conclusões possíveis a partir desses enunciados são radicalmente opostas passa a ser contestada, principalmente com base na percepção de que os dois enunciados acima podem autorizar conclusões iguais, dependendo de como é vista a ingestão de alimentos, se como prejudicial ou benéfica. Percebeu-se, em outras palavras, que, com operadores como *pouco* e *um pouco*, por exemplo, pode-se chegar à mesma conclusão com o auxílio argumentativo de diferentes *topoi*, os quais garantem a passagem do argumento para a conclusão.

Os *topoi* são crenças, lugares comuns cuja função é orientar os enunciados em direção à conclusão. São princípios “universais” convocados pelo enunciado. Em outras palavras, são princípios argumentativos que justificam a passagem do argumento para a conclusão, constituindo um trajeto argumentativo.

¹ ADL – sigla correspondente ao nome da teoria em francês.

Ducrot (1988) explicita a noção e o funcionamento dos *topoi* por meio dos exemplos que seguem:

(19) *Ha trabajado un poco, va a tener éxito.*

(Trabalhou um pouco, vai ter êxito.)

(20) *Ha trabajado poco, va a fracasar.*

(Trabalhou pouco, vai fracassar.)

(21) *Ha trabajado poco, va a tener éxito.*

(Trabalho pouco, vai ter êxito.)

Caso se pense que o trabalho conduz ao êxito, os enunciados (19) e (20) são perfeitamente possíveis. Mas, se cremos que o trabalho é causa de fracasso, temos como possível o enunciado (21). Podemos tirar uma mesma conclusão do enunciado com *pouco* e *um pouco*. Tudo depende da idéia que o locutor tem do conceito de trabalho. Como é o caso dos exemplos (19) e (21) em que temos a mesma conclusão, embora se chegue a ela por caminhos diferentes, os quais são justificados por meio do *topos*, visto como o intermediário entre o argumento e a conclusão. Para chegar à mesma conclusão, a partir de dois argumentos distintos, se manifestam dois *topoi* diferentes. Ou seja, duas situações distintas, o que a forma *standard* não considerava.

A noção de *topos* juntamente com a noção de polifonia modifica a forma *standard* da ADL, transformando-a no que se denominou forma *standard* ampliada. Na forma *standard*, o potencial argumentativo era definido em termos de conclusões possíveis e, nesta última, o potencial argumentativo é o conjunto de *topoi* que podem ser evocados por uma entidade determinada.

Carel e Ducrot desenvolveram a Teoria dos Blocos Semânticos, proposta como uma nova versão técnica da Teoria da Argumentação na Língua. Essa terceira fase da ADL radicaliza a rejeição da divisão tradicional entre semântica e pragmática, explicitando a concepção segundo a qual o caráter argumentativo de um encadeamento é definido pela interdependência entre os seus dois segmentos. Para Carel (2001) esse fenômeno é chamado de interdependência semântica, porque, em dois tipos de encadeamentos – consecutivos (em *donc*) e concessivos (em *pourtant*) -, se manifesta um fato fundamental, a saber, que cada um dos segmentos encadeados toma somente seu sentido na relação com o outro. Em discursos desses dois tipos, o sentido do primeiro segmento é determinado pelo segundo segmento e vice-versa, de modo tal que não há uma relação de inferência entre os segmentos, mas de interdependência semântica. É o que explica Carel no trecho que segue:

Minha noção de argumentação nada tem a ver com aquela de inferência. Esta última, com efeito, repousa sobre uma idéia de passagem, ao fim da qual um enunciado (argumento) transmitiria sua veracidade a um novo enunciado (a conclusão). Minha noção de argumentação, ao contrário, supõe uma dependência de dois segmentos. Não há, para mim, num encadeamento argumentativo, qualquer progresso informativo. É um único ponto de vista que é desenvolvido, ou sob um ângulo normativo, ou sob um ângulo transgressivo.(...) A lingüística que eu desenvolvo procura ser estruturalista. (Carel, 2001, p. 07)

Essa nova proposta abre mão da noção de *topos* e introduz, entre outros conceitos, os de bloco semântico, de aspecto normativo e transgressivo, de argumentação interna e externa, como se verá a seguir.

A Teoria dos Blocos Semânticos sustenta a idéia central de que a argumentação está presente no sistema da língua, constituindo-se no principal elemento para apreensão do sentido dos enunciados. A importância desse estudo é inquestionável, pois suas análises e reflexões direcionaram os olhares a um novo horizonte em relação à semântica lingüística. De acordo com Carel e Ducrot ,

A semântica estrutural implica, em efeito, que não é possível descrever as palavras através de elementos não lingüísticos. Se considerarmos que os conectores envolvem interdependência, devemos admitir que os encadeamentos só têm uma realidade discursiva. (2005, p.19-20).²

Segundo Carel e Ducrot (2005), a principal idéia da teoria é que o sentido de uma expressão está dado pelos discursos argumentativos que podem ser encadeados a partir dessa expressão. A argumentação não é acrescentada ao discurso, mas sim constitui o sentido. Jean-Claude Anscombre e Ducrot criaram a Teoria dos *Topoi* para dar conta desse fenômeno. Marion Carel deu-se conta de que, na realidade, a Teoria dos *Topoi* contrariava a ADL, pois baseava a argumentação em elementos existentes no mundo exterior, enquanto o que se tentava estabelecer é que a argumentação era de ordem puramente lingüística.

Para a TBS o sentido de uma entidade lingüística não está constituído por coisas, fatos, crenças psicológicas. Está sim fundamentado por certos discursos que essa entidade lingüística evoca. Esses discursos constituem *encadeamentos argumentativos*, os quais se definem pela articulação de dois predicados ligados pelos conectores DC (portanto) e PT (mesmo assim). Essas duas partes do encadeamento constituem um único sentido. Como se pode perceber, nos enunciados *João tem muito dinheiro DC (portanto) é feliz* e *João tem saúde DC (portanto) é feliz* não se trata da mesma felicidade. No primeiro enunciado, João é feliz devido à sua riqueza e, no segundo, é devido à sua saúde. A interpretação do primeiro e do segundo segmentos, nos dois enunciados, não é feita separadamente, pois a idéia é indecomponível. Há uma unidade semântica, ou seja, a seqüência dos dois segmentos produz sentido somente se estiverem juntos. Constituem-se, desse modo, dois blocos semânticos distintos entre si: dinheiro/felicidade e saúde/felicidade, os quais, no exemplo em foco, estão em seu aspecto normativo, podendo ser expressos, também, em seu aspecto transgressivo: *João tem muito dinheiro, PT não é feliz* e *João tem saúde PT não é feliz*. Cada aspecto tem seu recíproco. No caso do enunciado *João tem muito dinheiro DC é feliz*, o aspecto normativo recíproco seria *João não tem muito dinheiro DC não é feliz*. Já aspectos transgressivos recíprocos seriam *João não tem muito dinheiro PT é feliz* e *João tem muito dinheiro PT não é feliz*. A relação semântica argumentativa que dinheiro e felicidade constroem solidariamente pode ser expressa pelo discurso: *Quem tem*

² La semántica estructural implica, en efecto, que no es posible describir las palabras a través de elementos no lingüísticos. Si consideramos que los conectores involucran interdependencia, debemos admitir que los encadeamientos solo tienen una realidad discursiva. (Carel y Ducrot, 2005, p 19-20)

dinheiro é feliz, o qual pode ser visto positiva ou negativamente. O fato de se poder generalizar não impede que se possam expressar as exceções, pelo aspecto transgressivo (encadeamento em PT). Assim um bloco semântico apresenta quatro aspectos: os recíprocos, positivo e negativo, e os conversos, normativo e transgressivo, como se evidenciou nos enunciados anteriores.

Mostrou-se que na TBS somente são admitidos dois tipos de conectores e, conseqüentemente, dois tipos de encadeamentos argumentativos: os normativos, com conectores como *portanto* (DC) e os transgressivos com conectores do tipo *mesmo assim* (PT). No entanto, um encadeamento normativo, por exemplo, não está necessariamente marcado pela expressão *portanto*. Existem outras que exercem a mesma função, como se pode observar nos enunciados:

Paulo é atencioso, portanto não terá maiores problemas.

Paulo é atencioso, então não terá maiores problemas.

A atenção de Paulo faz com que ele não tenha maiores problemas.

No caso dos encadeamentos transgressivos, isso também ocorre. É o caso dos enunciados:

Paulo é atencioso, mesmo assim teve problemas.

Embora Paulo seja atencioso, teve problemas.

Apesar de ser atencioso, Paulo corre o risco de ter problemas.

Na citação a seguir, Carel (2001) destaca uma questão fundamental para o estabelecimento da diferença entre os aspectos normativos e transgressivos:

Uma observação. (...) Em particular, segundo minha terminologia, o encadeamento *Pedro é rico, portanto é infeliz* (...) é normativo. Por certo, ele é contrário às crenças sociais. Mas isso não faz dele o que eu chamo de encadeamento transgressivo. Ele é, ao contrário, normativo, porque, tanto quanto *Pedro é rico, portanto é feliz* (...), ele vê a regra (a riqueza traz infelicidade) como uma prescrição. O encadeamento *Pedro é rico, portanto é infeliz* deve, então, ser bem diferenciado de *Pedro é rico, mesmo assim é infeliz*: o primeiro contradiz a regra segundo a qual a riqueza traz felicidade; o segundo se contenta em desobedecê-la. (Carel, 2001, p. 04)

Cumprir referir, ainda, que, na construção do bloco semântico, deve-se considerar a existência dos dois modos de argumentar de uma entidade lingüística: o externo e o interno. Segundo Ducrot (2002), a argumentação externa é tida como a pluralidade dos aspectos constitutivos do sentido da entidade na língua, e que são a ela ligados de modo externo. Em outras palavras, refere-se aos encadeamentos argumentativos que podem anteceder ou seguir essa entidade. Por isso a argumentação externa (AE) pode ser AE à direita e AE à esquerda.

Confirmam-se os exemplos:

É prudente DC (*portanto*) não terá acidentes.

(*não terá acidentes: AE à direita de prudente*)

Revisa o carro DC (*portanto*) é prudente.

(*revisa o carro: AE à esquerda de prudente*)

Ducrot e Carel, na formulação da Teoria dos Blocos Semânticos, esclarecem que a argumentação interna (AI) de uma entidade lingüística é um encadeamento em DC ou PT que parafraseia essa entidade. Sublinham que a entidade em questão não pode ser um segmento do encadeamento. Assim uma AI de *pudente* seria *estrada escorregadia*

DC *dirigir devagar*, ou *bebeu DC não irá dirigir*, entre outras que podem ser criadas, dependendo da situação.

As observações feitas até aqui mantêm e reiteram a idéia fundamental da Teoria da Argumentação da Língua de que a linguagem não descreve diretamente a realidade, ou seja, de que a linguagem não é objetiva, ressaltando a descrição argumentativa, feita por meio da atitude do locutor e do chamado que este faz ao interlocutor, aspecto subjetivo e intersubjetivo da linguagem, por meio dos quais as palavras impõem a visão argumentativa discursiva da realidade.

3. Apresentação e análise do diálogo pela Teoria dos Blocos Semânticos

Passaremos agora ao relato da situação em que ocorreu o diálogo, e à análise da linguagem para explicitação da origem do mal-entendido, com base na TBS.

2.1 – O diálogo

A professora de uma escola de Ensino Médio, depois de uma longa conversa com a orientadora pedagógica sobre a precariedade das condições físicas da escola, de como isso desestimulava o trabalho, entrou na sala dos professores, em que estavam uma colega e uma auxiliar de limpeza, e fez o seguinte comentário:

(Professora) – *Pelo menos, este ano, com os alunos dá prazer de trabalhar!*

A colega, ao ouvir o comentário, retirou-se da sala muito ofendida. Conversando mais tarde com a auxiliar de limpeza, a professora ficou sabendo que a colega entendera que os professores (e ela se incluiu entre eles) não proporcionavam prazer, pelo contrário, dificultavam as atividades escolares.

2.2 – Análise do diálogo e explicitação da origem do mal-entendido

Ao falar *Pelo menos, este ano, com os alunos dá prazer de trabalhar!*, a professora associou **condições humanas da escola** e **prazer de trabalhar**, construindo o bloco semântico que estabelece interdependência semântica entre esses dois predicados e fazendo evocar um outro bloco que relaciona **condições físicas da escola** e **prazer de trabalhar**. Em realidade, a expressão **prazer de trabalhar numa escola**, pode ter como argumentação externa à esquerda tanto condições materiais quanto condições humanas. Confira-se:

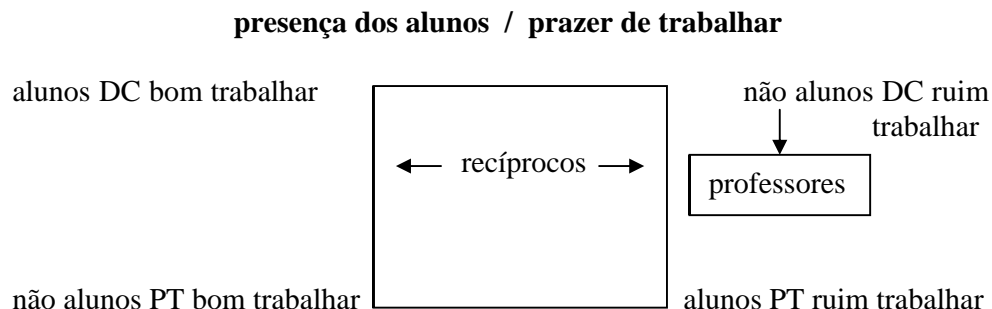
- (1) condições físicas boas DC prazer de trabalhar
- (2) condições humanas boas DC prazer de trabalhar

Ora, a professora, ao fazer o comentário, referia-se ao fato de que, se as condições materiais eram ruins, restavam as condições humanas a manter o prazer de trabalhar. Em outras palavras, a professora deixa entender, em sua fala, que uma escola tem aspectos físicos e aspectos humanos. Reconhece a precariedade dos aspectos físicos, isto é, que apesar de o quadro-negro ser ruim, de serem reduzidos os espaços físicos, de faltar área para atividades esportivas, os alunos tornam o trabalho agradável.

A colega que, ouvindo o comentário, ofendeu-se, opôs as argumentações:

- (3) presença de alunos DC prazer de trabalhar
- (4) presença de professores DC ausência de prazer de trabalhar

Note-se que, ao falar, a professora não mencionou explicitamente o assunto da conversa com a orientadora pedagógica e, pelo fato de falar, mesmo que implicitamente, sobre as condições humanas da escola, a colega ofendida construiu outro bloco semântico, com base no aspecto normativo recíproco, associando **alunos** (que fazem parte das condições humana da escola) a **bom trabalhar**, evocando um dos aspectos normativos recíprocos desse bloco: **não alunos**, que no caso seriam os professores, DC (=portanto) **ruim trabalhar**. Como se pode comprovar no quadrado argumentativo que segue:



Como se pôde observar, a construção do bloco entre os predicados: **presença dos alunos** e **prazer de trabalhar**, feita pela ouvinte, foi possível devido ao fato de se poder associar a uma mesma entidade lingüística (no caso, **prazer de trabalhar**) argumentações externas diferentes (no caso, **condições físicas** e **condições humanas, presença de alunos**), produzindo, assim, sentidos completamente diversos.

Dito de outro modo, a colega construiu outro bloco semântico, associando **não presença de alunos** ou **presença de professores** (que fazem parte das **condições humanas da escola**) a **ruim trabalhar**. Note-se que esse encadeamento seria o recíproco de **presença de alunos DC bom trabalhar**.

4. Considerações Finais

Pôde-se constatar, pelo fato analisado, que um enunciado, expressando um encadeamento argumentativo, permite que sejam evocados todos os outros aspectos de seu bloco e, às vezes, também de um bloco contrário.

Retomando-se a análise do mal-entendido, pode-se dizer que a professora, em seu comentário, falou a respeito das condições humanas (e destacou os alunos), por oposição às precárias condições físicas da escola, e não por oposição a professores. Já a colega entendeu que era ruim trabalhar com os professores daquela escola.

O que se procurou mostrar é que, apesar de a professora não ter tido a intenção de construir o bloco **presença dos alunos x prazer de trabalhar**, em seu comentário, a sua colega entendeu assim; caso contrário, ela não se ofenderia.

A ouvinte evocou o aspecto normativo recíproco desse bloco: **não alunos (professores), DC** (=portanto) **ruim trabalhar**, o que comprova que um enunciado, expressando um encadeamento, permite evocar todos os outros aspectos de seu bloco.

Em síntese, ao falar, a professora não teve a intenção de dizer que não é bom trabalhar com os professores, mas a ouvinte entendeu isso, porque esse aspecto faz parte do quadrado argumentativo que ela própria construiu. É de se crer que ela esteja enfrentando problemas de relacionamento com colegas, daí a argumentação externa construída. Mas, por essa perspectiva de análise, a teoria da Argumentação na Língua

não se interessa desde seu início e, em seu desenvolvimento até a TBS, sua forma atual, somente radicalizou a decisão de se ater aos elementos lingüísticos no estudo da argumentação discursiva.

5. Referências Bibliográficas

ANSCOMBRE, J-C. y DUCROT, O. *L'argumentación dans la langue*. Bruxelas: Mardaga, 1983.

CAREL, Marion y DUCROT, Oswald. *La semántica argumentativa: una introducción a la Teoría de los Bloques Semánticos*. Trad. e org. por Maria Marta García Negroni e Alfredo M. Lescano. Buenos Aires: Ediciones Colihue, 2005.

CAREL, Marion. O que é argumentar? *Desenredo*, Passo Fundo, UPF, v.1, nº2, p.77-84, jul./dez. 2001.

DUCROT, Oswald. *Polifonía y argumentación*. Cali: Universidad del Valle, 1998.

_____. Os internalizadores. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, PUC RS, v. 37, n 3, p 07-26, setembro 2002.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.